

## Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas

*Personal social networks of older generations:  
families with four generations living*

Henrique Testa Vicente  
Liliana Sousa

**RESUMO:** Este estudo exploratório analisa as redes sociais pessoais da geração mais velha em famílias com quatro gerações vivas. Foi administrado um questionário de análise das redes sociais pessoais (IARSP-R) a 23 respondentes, pertencentes à geração mais velha (G1). Os principais resultados sugerem redes de tamanho médio, densas, homogêneas e centradas na família. O subsistema geracional contíguo (G2) providencia a maior parte do suporte, com contributos diferenciados das restantes gerações.

**Palavras-chave:** Família multigeracional; Rede social pessoal; Relações intergeracionais.

**ABSTRACT:** *This exploratory study analysis the social personal networks of the oldest generation in families with four living generations. A questionnaire to analyse the personal social network (IARSP-R) was administered to 23 participants, from the oldest generation (G1). Main findings show medium size networks, cohesive, homogeneous and family centred. The contiguous generational subsystem (G2) provides most of the support, with differentiated contributes from the other generations.*

**Keywords:** *Multigenerational families; Personal social networks; Intergenerational relationships.*

## **Introdução**

As famílias com quatro gerações vivas tornam-se cada vez mais comuns, principalmente devido a fatores sociais e demográficos que conduzem à verticalização das famílias e à emergência das famílias “em feijoeiro” (Mietkiewicz & Jolliot, 2004; Bengtson, Lowenstein, Putney & Gans, 2003). Contudo, estas tendências ainda não encontram correlato na produção científica, pois os estudos centrados em famílias de quatro gerações escasseiam (Richlin-Klonsky & Bengtson, 1996). Atualmente existem múltiplas razões para estudar os laços na velhice no contexto familiar multigeracional: necessidade de maior conceptualização teórica, que poderá ser reforçada por dados sobre o desenvolvimento individual e familiar no fim da vida; necessidade de desenvolver e implementar políticas ajustadas, já que se espera que as redes sociais informais mantenham um papel relevante nos cuidados às pessoas idosas (Melkas & Jylhä, 1996). O estudo das redes sociais pessoais da geração mais velha auxiliará a compreensão das dinâmicas relacionais entre diferentes gerações, contribuindo para a literatura sobre relações intra e inter geracionais (e.g. Bengtson & Martin, 2001; Silverstein & Bengtson, 1997).

## **Avaliar Redes Sociais**

A análise de redes tem sido implementada em numerosas áreas científicas, em particular no campo das ciências sociais, onde esta abordagem emerge como um modelo teórico potencialmente útil na análise e descrição de sistemas sociais complexos e na intervenção (Sousa, 2005). Uma definição elementar de rede social pode centrar-se em dois componentes básicos: nódulos (por norma, indivíduos ou organizações) e laços de interdependência (as relações entre os vários atores envolvidos na rede). A essência percebida do fenómeno designado por “rede social” depende largamente do método adotado para o avaliar (Litwin, 1996; Wellman, 1996). Por exemplo, a variável “tamanho da rede” é determinada pela forma como o investigador define a pertença à rede e o método para obter esta informação, incluindo as questões utilizadas. Nos estudos sobre redes sociais

encontram-se essencialmente dois tipos de metodologia (Litwin, 1996): i) “rede inferida”, em que o conceito de rede é definido *à priori* da recolha de dados, influenciando a construção dos instrumentos adotados; ii) “rede derivada”, em que o conceito é determinado *à posteriori*, isto é, ao estudar as tendências ou redundâncias emergentes de dados já na posse do investigador.

Van der Poel (1993) identificou quatro abordagens à conceptualização teórica das redes sociais e sua mensuração: a) “interativa” (foca os contactos entre membros da rede); b) “papel relacional” (centra-se nos papéis relacionais dos membros da rede como determinantes do tipo de rede); c) “afetiva” (baseada nas avaliações subjetivas dos respondentes sobre quem são as pessoas mais importantes nas suas vidas); d) “troca” (valoriza os padrões de troca entre os membros da rede).

Neste estudo adotou-se o instrumento IARSP-R (Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal – Revisto, Alarcão & Sousa, 2007), que foi construído com base nas propostas teóricas de Sluzki (1996). Este autor define “rede social pessoal” ou “rede social significativa” como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anónima da sociedade. Ou seja, estamos perante uma metodologia de “rede inferida”. Este instrumento envolve uma mescla das quatro abordagens teóricas das redes, mas enfatiza a dimensão afetiva, pois pede ao respondente que elenque as pessoas que sente como significativas.

A rede social pessoal, na perspetiva de Sluzki (1996), corresponde ao nicho interpessoal de interação social do indivíduo, e contribui significativamente para a sua autoimagem e sentido de bem-estar. As redes pessoais compreendem relações estáveis, mas evolutivas, formadas por familiares, amigos, colegas de estudo e trabalho, e relações comunitárias que incluem a participação em organizações formais e informais (Sluzki, 2000).

A rede social pessoal tem a qualidade única de ser simultaneamente centrada no indivíduo (baseada num determinado informante ou sujeito focal) e no sistema relacional (é ecossistémica, pois inclui o tecido social significativo que rodeia um indivíduo) (Sluzki, 1996, 2000). Litwin (1996) refere que o facto de muitos estudos adotarem as abordagens centradas num sujeito focal não é coincidência, pois esta metodologia combina aspetos qualitativos e quantitativos

da análise de redes sociais, constituindo uma abordagem substancialmente mais compreensiva.

### **Abrangência dos Estudos sobre Famílias Multigeracionais**

A literatura tem enfatizado o papel das gerações mais velhas nas famílias, em particular, a importância das relações entre avós e netos (Pruchno, 1995). Os avós podem assumir um papel preponderante na dinâmica familiar, por exemplo, adotando um papel estabilizador na relação entre pais e filhos, especialmente em momentos de stress derivado de dificuldades económicas (Botcheva & Feldman, 2004), ou assumindo a responsabilidade pela educação dos netos quando os pais não podem (Goodman & Silverstein, 2001; Poehlmann, 2003). Alguns dos tópicos que a investigação tem abordado são: estilos dos avós (formal, divertido, pai substituto, reservatório de sabedoria, figura distante) (Neugarten & Weinstein, 1968); significado de ser avô/avó (Kivnick, 1982); papel dos avós (historiador da família ou ligação ao passado, mentor e professor, modelo de papel para a família e sociedade, promotor do bem-estar físico e emocional, companheiro de brincadeiras, mago, herói) (Kornhaber & Woodward, 1981); atitudes comuns e divergentes entre pais e avós em relação à educação dos filhos/netos (Martin, Halverson, Wampler, & Hollett-Wright, 1991). Contudo, estes estudos centram-se apenas em três gerações, não incluindo o quarto subsistema geracional, cada vez mais relevante no âmbito das relações intergeracionais em virtude da verticalização da família.

Alguns estudos já incidem sobre a díade bisavós-bisnetos, abordando dessa forma famílias com quatro gerações. Doka e Metz (1988) entrevistaram 40 bisavós, tendo a maioria referido este papel como significativo nas suas vidas, facultando um sentimento de renovação pessoal e familiar e constituindo um marco de longevidade. Reese e Murray (1996) enfatizam a relação entre bisavós e bisnetos como um dos possíveis caminhos para a experiência de “transcendência” pela geração mais velha (constitui a capacidade do indivíduo projetar os seus sonhos para quem lhe sobrevive e é uma das tarefas desenvolvimentais no fim da vida). Mietkiewicz e Jolliot (2004) analisaram desenhos de uma amostra de 90 crianças, a

quem foi pedido que descrevessem os seus avós. Observaram que 13,3% incluíram os bisavôs, sem confundir as suas posições nos subsistemas geracionais. Os autores consideram que a natureza heterogénea dos desenhos (alguns incluindo os quatro avós, outros envolvendo avós já falecidos, outros omitindo avós vivos) facultava evidência das dificuldades das crianças perante relações num contexto de múltiplas configurações familiares. Mietkiewicz e Jolliot (2004) argumentam que a organização familiar contemporânea parece cada vez mais centrada em aspetos relacionais (como a proximidade emocional), em detrimento de convenções institucionais. Estes resultados sublinham a importância de considerar a natureza subjetiva das relações familiares e de questionar os indivíduos sobre quem consideram significativo nas suas vidas; isto, ao invés de assumir que só porque as pessoas ou gerações existem estruturalmente, estarão funcionalmente ativas.

A revisão da literatura mostra que a maioria dos estudos que aborda as famílias multigeracionais não distingue famílias de três e quatro (ou mais) gerações; e os estudos centrados nas redes sociais não referem se os participantes pertencem a famílias multigeracionais, nem quantas gerações existem na família. Adicionalmente, a investigação tende a relevar a importância das relações intergeracionais, mas através do enfoque em díades específicas (pais-filhos, avós-netos, bisavós-bisnetos), não adotando a perspetiva da interação entre os vários subsistemas geracionais que envolve uma maior diversidade de laços.

Importa sublinhar que um subsistema geracional é um sistema social na família que compreende todos os membros que partilham a mesma posição geracional (Vicente & Sousa, 2007). Como as famílias “em feijoeiro” estão a aumentar e as famílias com quatro gerações são cada vez mais comuns (se bem que por vezes efémeras), é relevante caracterizar a geração mais velha nestas famílias, a qual se enquadra maioritariamente no que a literatura tem vindo a apelidar de população idosa-idosa ( $\geq 75$  anos), descrevendo o fluxo de recursos entre os diferentes subsistemas geracionais na família.

## **Rede Social nas Pessoas Idosas**

Sluzki (1996) descreve o percurso evolutivo das redes sociais na velhice indicando três fatores coexistentes e com efeitos cumulativos: i) diminuição do

tamanho das redes sociais, devido a morte, migração e/ou debilidade física dos membros; ii) diminuição progressiva das oportunidades e da motivação para renovar a rede social; iii) maior sobrecarga da sujeito focal com os processos de manutenção da rede, pois a energia disponível para as atividades de estabelecer ligações diminui (são exigidos esforços acrescidos). Sousa (2005: 171) apresenta a seguinte descrição das redes sociais pessoais de pessoas idosas: “baixa proximidade relacional, especialmente devido à falta de amigos, maior coesão, menor distância geográfica e menor reciprocidade”; acrescenta que as pessoas idosas referem receber menos apoio por comparação com os mais novos nas seguintes áreas: apoio económico, aconselhamento, acesso a novos contactos e regulação social.

Na tradição de estudos que almejam a classificação das redes em tipologias (Litwin, 1995; Wenger, 1991), Litwin e Landau (2000) indicam que as redes sociais de pessoas idosas-idosas são essencialmente de quatro tipos: “redes de parentela” (“*kin network*”), “redes familiares intensivas” (“*family-intensive network*”), “redes focadas nos amigos” (“*friend-focused network*”), “rede de laços difusos” (“*diffuse-tie network*”). Os dois tipos baseados na família alargada (parentela e laços difusos) emergiram como os mais suportivos, o que, tomando como comparação as redes de amigos, sublinha a centralidade das relações familiares no apoio às pessoas mais idosas. As redes familiares intensivas (compostas quase somente por filhos adultos) eram as que providenciavam menos apoio e eram mais densas em termos estruturais (os autores avançam várias explicações para este resultado que consideram surpreendente, entre os quais, a sobrecarga dos cuidadores e aspetos relativos à operacionalização da variável “apoio”). Ou seja, existe diversidade na configuração das redes sociais das pessoas idosas. No entanto, como a morte é inevitável, os laços com as pessoas da mesma geração vão desaparecendo, eliminando as âncoras da história pessoal. As perturbações depressivas comuns na velhice podem associar-se à perda de papéis, memórias, papéis e identidade, que andam de *mãos dadas* com a redução da rede social (Sluzki, 1996).

As redes sociais pessoais desempenham um papel determinante na qualidade de vida das pessoas, sendo que nos idosos assumem funções relevantes (Sousa, 2005): proteger o indivíduo do stress associado às pressões do contexto;

atenuar, prevenir ou colaborar no tratamento/gestão de doenças físicas e mentais; providenciar apoio ao enfrentar de acontecimentos de vida e na integração social; servir como elemento base de experiência da identidade individual contribuindo para o autoconhecimento.

## **Objetivos**

Este estudo exploratório procura contribuir para o conhecimento e compreensão das redes sociais pessoais da geração mais idosa em famílias com elementos vivos de quatro gerações. Os objetivos específicos são caracterizar a estrutura e funções das redes, destacando os subsistemas familiares intergeracionais. Os resultados são relevantes para a apreensão do funcionamento familiar em sistemas com pessoas idosas, em particular em termos de relações intrageracionais e intergeracionais.

## **Metodologia**

### ***Procedimentos e instrumentos***

Adotou-se o procedimento em “bola de neve” para recrutar a amostra: após a identificação de uma família que corresponde aos critérios de inclusão (ser elemento da geração mais velha de famílias com representantes vivos de quatro gerações; capacidade para compreender e responder às questões), os seus membros são solicitados a identificar outras famílias com as mesmas características; quando a resposta é positiva organiza-se, entre entrevistador e entrevistado, a melhor forma de estabelecer os contactos com a outra família.

O primeiro contacto é, sempre que possível, estabelecido com elementos da geração intermédia (G2 ou G3), que funcionam como os “pontos de entrada” no sistema familiar, e organizam o acesso a elementos das restantes gerações. Sublinhe-se que o estudo aqui apresentado faz parte de uma pesquisa mais alargada sobre famílias multigeracionais, que envolveu 5 entrevistas por família (1 entrevista de construção do genograma com G2 ou G3, e 4 entrevistas de recolha

das redes sociais pessoais com um elemento de cada geração). Neste caso analisamos as entrevistas relativas às redes sociais pessoais da geração mais velha (G1).

A amostra original envolvia 25 famílias multigeracionais, mas a amostra final compreende 23 famílias devido a mortalidade experimental (em 1 família morreu o elemento da geração mais velha; em 1 família o elemento de G1 teve problemas graves de saúde).

As entrevistas foram realizadas face a face e individualmente, pelo primeiro autor, num local e data escolhido pelos participantes (normalmente em casa ou num café no bairro de residência).

O instrumento utilizado (IARSP-R) foi submetido a um pré-teste com 3 famílias multigeracionais, para avaliar a sua aceitabilidade.

Com base nos resultados alguns ajustamentos foram efetuados (os autores da IARSP-R recomendam este procedimento): as escalas de Likert usadas nas respostas acerca do apoio social foram reduzidas de uma escala de 5 pontos para uma escala de 3 pontos, pois os mais idosos (G1) revelaram dificuldades em compreender a escala inicial; foi acrescentada uma questão no quadrante familiar para definir o parentesco com o respondente (por exemplo, pai, primo) e a geração de pertença (por exemplo, G2 ou G3); acrescentaram-se questões sobre o nível de intimidade e conflito e, ainda, sobre a durabilidade das relações. O quadro 1 descreve a entrevista final aplicada após o seguinte convite:

*“Por favor identifique todas as pessoas com quem contactou durante os últimos 6 meses que considere significativas na sua vida. Cada pessoa que referir será colocada em uma das seguintes categorias: família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou estudo e profissionais/instituições.”*



**Quadro 1. Entrevista e variáveis**

<i>Questão</i>	<i>Variável</i>	<i>Definição</i>
<b>Dimensão 1. Estrutura – características morfológicas básicas da rede</b>		
“Liste o nome de todas as pessoas significativas na sua vida nos últimos 6 meses.”	Tamanho	Número total de pessoas
“Identifique o quadrante em que coloca cada uma dessas pessoas: família (G1, G2, G3, G4), amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou estudo, profissionais/instituições.”	Composição	Proporção dos membros da rede colocados em cada quadrante
	Heterogeneidade	Número de quadrantes com membros
“Quem conhece quem na rede?”	Densidade	Ligação entre os membros da rede, para além do sujeito focal
“Especifique a distância geográfica entre a sua residência e a residência de cada membro da rede” (1 – vivem na mesma casa; 2 – vivem no mesmo bairro; 3 – vivem na mesma cidade ou vila; 4 – vivem a menos de 50 km de distância; 5 - vivem a mais de 50 km de distância)	Dispersão	Acessibilidade dos membros da rede
“Que nível de apoio é dado por si?” (1 – nenhum; 2 – moderado; 3 – muito)	Reciprocidade	Se a pessoa focal disponibiliza as mesmas funções ou equivalentes à rede.
“Especifique a frequência de contactos com cada membro da rede”. (1 – diário; 2 – mais de uma vez por semana; 3 – semanal; 4 – algumas vezes por mês; 5 – algumas vezes por ano)	Frequência de contactos	Acessibilidade dos membros da rede
“Há quanto tempo mantém uma relação com este elemento da sua rede?”	Durabilidade (estabilidade)	Duração total da relação em anos.
“Como caracteriza cada relação?” (escala de Likert de 5 pontos: 1 – distante a 5 – muito próxima)	Intimidade	Grau de intimidade percebido
“Com que frequência discute com cada membro da sua rede?” (escala de Likert de 5 pontos: 1 – nunca a 5 – sempre)	Conflito	Frequência percebida de conflito
<b>Dimensão 2. Funções – conteúdos disponíveis e desempenhados pela rede</b>		
“Especifique o nível de suporte que recebe de cada membro da rede, em cada uma das seguintes oito áreas*.” (1 – nenhum; 2 – moderada; 3 – muito)	Apoio global	Apoio total em todas as áreas
	Conteúdo relacional	Conteúdos ou funções garantidos por cada quadrante

\* Áreas de apoio: i) *apoio emocional* (qualquer ação com o objetivo de apoiar a pessoa focal a alcançar os seus objetivos pessoais ou gerir as exigências de uma determinada situação; ii) *aconselhamento* (providenciar informação ou supervisão para ajudar a atingir determinado objetivo ou completar alguma tarefa); iii) *regulação social* (interações que relembram e reafirmam responsabilidades e papéis à pessoa focal, no sentido de evitar desvios das expectativas sociais); iv) *apoio instrumental* (inclui apoio prático e material); v) *apoio financeiro* (ações de apoio financeiro); vi) *acesso a novos contactos* (interações com o propósito de ajudar a pessoa focal a estabelecer contacto com novas pessoas); vii) *companhia social* (fazer atividades conjuntas); viii) *apoio profissional* (baseado no apoio especializado de serviços e seus profissionais).

## **Amostra**

Os participantes foram identificados em relação a idade, sexo, número de elementos do agregado familiar, composição do agregado familiar (vive sozinho; vive em casal; vive com filhos; outras situações), local de residência (rural/urbano), habilitações académicas e situação profissional. A amostra compreende 23 participantes com média etária de 84,74 anos ( $DP=5,41$ ), variando entre 75 e 94 anos. Os homens constituem 13,04% da amostra. Em termos de composição do agregado familiar verifica-se que: 47,8% vive só; 34,8% vive com filhos; e 17,4% vive com o cônjuge. Os agregados familiares têm um número médio de 2,09 elementos ( $DP=1,41$ ), variando entre 1 (a pessoa focal vive só) e 6 elementos. Em termos de residência, 52,2% vive em meio urbano. Os participantes apresentam em média 4,7 anos de escolaridade ( $DP=3,8$ ), estando todos aposentados.

## **Análise dos dados**

As redes sociais pessoais foram analisadas em termos de estrutura e funções através de estatística descritiva. Utilizou-se a correlação de *Spearman* para identificar relações estatisticamente significativas entre variáveis; e o teste *Mann-Whitney U* foi usado para analisar diferenças entre médias. Todo o trabalho de análise estatística decorreu com o apoio do *software* SPSS 16.0.

## **Resultados**

### ***Tamanho***

O tamanho global das redes sociais dos participantes é de 11,96 ( $DP=6,62$ , variando entre 1 e 30 membros). Esta variável foi organizada em 3 categorias: tamanho pequeno (0-10 elementos) – 47,83%; tamanho médio (11-20) – 43,48%; tamanho grande (21-30) – 8,7%. O tamanho da rede foi comparado considerando idade,

habilitações académicas, local de residência, estado civil e composição do agregado familiar, através do cálculo das frequências observadas versus esperadas, não se tendo observado nenhum resultado estatisticamente significativo. O género não foi analisado para comparações, pois a proporção de homens na amostra é reduzida. Quanto às relações intra e inter geracionais, verifica-se uma relação positiva entre o número de elementos de G1 ( $r=.683$ ,  $p<.01$ ) e G3 ( $r=.588$ ,  $p<.01$ ) e o tamanho da rede, o que significa que o aumento destes subsistemas geracionais está associado a redes sociais maiores.

### **Composição**

As redes sociais pessoais localizadas em 1 ou 2 quadrantes tendem a ser menos flexíveis e efetivas, pois garantem menos opções à pessoa focal por comparação com redes menos localizadas (Sluzki, 1996). Neste estudo, a análise da composição das redes revelou : 0, 4 e 5 quadrantes – 0%; 1 quadrante – 26,1%; 2 quadrantes – 39,1%; 3 quadrantes – 34,8%. Embora as redes nunca atinjam valores de heterogeneidade elevados, apenas uma percentagem reduzida apresenta redes homogéneas (1 quadrante). Nenhuma diferença estatisticamente significativa foi encontrada considerando idade, habilitações académicas, local de residência, estado civil, composição do agregado familiar e número de elementos do agregado familiar.

O número de quadrantes com membros correlaciona-se de forma positiva e significativa com o tamanho da rede ( $r=.717$ ;  $p<.01$ ). Os participantes que mencionaram elementos num só quadrante apresentam redes de tamanho significativamente mais pequeno do que os participantes que apresentam elementos em 2 ( $U=6,500$ ;  $p<.05$ ) e 3 ( $U=,000$ ;  $p<.01$ ) quadrantes. O tamanho da rede aumenta quando o tamanho dos seguintes quadrantes aumenta: família ( $r=.850$ ;  $p<.01$ ) e amigos ( $r=.712$ ;  $p<.01$ ). Contudo, quando o peso da família aumenta (i.e. a proporção de membros da família *versus* elementos de outros quadrantes) a rede tende a diminuir de tamanho ( $r=-.623$ ;  $p<.01$ ); o peso dos amigos tem o efeito oposto no tamanho da rede ( $r=.547$ ;  $p<.01$ ). As redes com maior peso de amigos tendem a apresentar maior número de quadrantes ( $r=.670$ ;  $p<.01$ ).

A natureza intergeracional das relações familiares na velhice, com menos possibilidades de relações intrageracionais, torna relevante estudar o peso de cada

quadrante nas redes sociais pessoais, mas também o peso de cada geração. Os resultados (quadro 2) mostram que a família é o principal quadrante, com G2 a assumir relevância na composição das redes sociais. Os dados também mostram o baixo peso de G1 e G4. Todos os participantes mencionaram membros de G2. Em relação aos restantes subsistemas geracionais observou-se que: 15 (65%) respondentes mencionaram pelo menos um elemento de G3; 12 (52%) incluíram membros de G1; e 5 (22%) indicaram elementos de G4. Todos os participantes incluíram elementos da família na rede social pessoal; 14 (61%) indicaram amigos; 7 (30%) mencionaram vizinhos; 5 (22%) indicaram elementos no quadrante dos profissionais; nenhum participante mencionou colegas de trabalho ou estudo.

**Quadro 2. Composição, dispersão e frequência de contactos (médias)**

	Composição (min=0 / max=1)		Dispersão (min=1 mais próxima / max=5 mais afastada)		Frequência de contactos (min=1 contacto diário / max=5 contacto anual)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Total	-	-	3,05	,68	2,48	,63
Família	,78	,19	3,20	,78	2,57	,69
G1	,08	,09	2,95	1,32	2,86	1,28
G2	,49	,25	3,05	1,01	2,26	,82
G3	,18	,17	3,58	,60	2,82	,98
G4	,03	,06	3,90	,22	3,20	,91
Amigos	,14	,17	2,99	,82	2,46	1,24
Vizinhos	,04	,07	2,28	,40	2,05	,59
Colegas (escola/trabalho)	,00	-	-	-	-	-
Profissionais/instituições	,03	,07	3,33	,47	3,03	1,53

### **Densidade**

A densidade foi calculada através da divisão do número de ligações existentes numa rede pelo número de ligações possíveis nessa rede (o número de ligações possíveis na rede é calculado através da fórmula  $n(n-1)/2$ , em que “n” é o número total de membros da rede). Os valores de densidade variam entre 0 e 1, sendo que valores aproximados da unidade (densidade elevada) significam que todos

os elementos da rede se conhecem entre si (redes coesas), o que promove a passividade e facilita a conformidade; baixos níveis de densidade indicam que os membros da rede apenas interagem em função da pessoa focal (redes dispersas), tendendo a reduzir a eficácia pois os membros não comunicam; as redes de densidade média (fragmentadas) compreendem vários subgrupos e tendem a ser as mais eficazes, pois equilibram as vantagens e desvantagens das coesas e dispersas (Sluzki, 1996).

Os resultados revelam predominância de redes com elevada densidade: redes coesas (0,66-1) – 90,9%; fragmentadas (0,33-0,65) – 9,09%; dispersas (0-0,32) – 0%. A densidade apresenta correlação positiva e significativa com o peso médio da família na rede ( $r=.430$ ,  $p<.05$ ) e correlações negativas e significativas com o número total de amigos ( $r=-.455$ ,  $p<.05$ ) e peso médio dos amigos na rede ( $r=-.532$ ,  $p<.05$ ). Nenhuma relação significativa foi encontrada entre a densidade e as variáveis sócio-demográficas.

### ***Dispersão***

A distância geográfica afeta a sensibilidade dos membros da rede às variações da pessoa focal e a sua capacidade para providenciar apoio atempado e efetivo em situação de crise. Quando a distância é elevada a rede é menos sensível e reage de forma mais lenta numa emergência. Em termos de dispersão os resultados indicam que, excetuando os vizinhos (por definição vivem próximos do sujeito focal), os amigos tendem a viver mais perto do que os membros das gerações mais novas (G3 e G4) e à mesma distância de G1 e G2. Ou seja, os participantes tendem a viver perto de familiares em subsistemas geracionais próximos (quadro 2).

A dispersão não é afetada pela idade, escolaridade, estado civil, local de residência e número de quadrantes na rede. Mas existe uma correlação significativa e negativa com o número de elementos do agregado familiar ( $r=-.420$ ,  $p<.05$ ) (a dispersão aumenta à medida que o número de elementos do agregado familiar diminui). Em relação à composição do agregado familiar, verifica-se que os participantes que vivem com filhos tendem a ter redes menos dispersas do que aqueles que vivem sozinhos ( $U=16.000$ ,  $p=.02$ ); mas as diferenças entre

participantes que vivem com o cônjuge e os que vivem sozinhos ou com filhos não são significativas.

### ***Frequência de contactos***

A média da frequência de contactos é 2,48 (quadro 2), sugerindo que a geração mais velha em famílias multigeracionais tem, em média, contactos semanais com os membros da sua rede. Os contactos entre os participantes e elementos de G2 são mais frequentes do que com as restantes gerações (os contactos menos frequentes ocorrem com G4). Os quadrantes da família e dos amigos apresentam frequências de contactos similares; é com os vizinhos que os contactos são mais frequentes (contudo, apenas 30% dos participantes identificam vizinhos nas suas redes).

A frequência de contactos não varia com a idade, escolaridade ou número de elementos do agregado familiar. Os participantes que indicaram elementos apenas em 1 quadrante apresentam maior frequência de contactos ( $M=2,15$ ;  $DP=,81$ ) por comparação a: quem indica 2 quadrantes ( $M=2,64$ ;  $DP=,47$ ) e 3 quadrantes ( $M=2,54$ ;  $DP=,62$ ), embora estas diferenças não sejam estatisticamente significativas.

A frequência de contactos é significativamente influenciada pelo local de residência: quem vive em contextos rurais ( $M=2,21$ ;  $DP=,63$ ) apresenta uma frequência de contactos superior aos que vivem em zonas urbanas ( $M=2,71$ ;  $DP=,69$ ) ( $U=31,000$ ,  $p=,03$ ). A frequência de contactos correlaciona-se de forma positiva e significativa com a distância geográfica global ( $r=,454$ ,  $p<,05$ ), em particular com a dispersão de G2 ( $r=,414$ ,  $p<,05$ ).

### ***Apoio global***

O apoio global representa a média de todos os tipos de suporte garantida por todos os elementos da rede (quadro 3 e 4). A média de apoio global é de 1,36 (numa escala de 1 a 3). O quadrante familiar é o que assegura mais apoio, seguido do

institucional (embora indicado por apenas 5 participantes). Em termos dos subsistemas geracionais, é G2 que apresenta os mais elevados valores de apoio.

**Quadro 3. Apoio global** (médias e correlações)

Apoio global de ...	Média	DP	1	2	2.1	2.2	2.3	2.4	3	4
1. Rede total	1,36	,23	1	-	-	-	-	-	-	-
2. Família (n=23)	1,37	,23	,94 **	1	-	-	-	-	-	-
2.1. G1 (n=12)	1,21	,18	,26	,23	1	-	-	-	-	-
2.2. G2 (n=23)	1,47	,26	,69 **	,78 **	,04	1	-	-	-	-
2.3. G3 (n=15)	1,21	,22	,74 **	,79 **	,38	,54 *	1	-	-	-
2.4. G4 (n=5)	1,22	,27	,98 **	,98 **	,87	,82	,98 **	1	-	-
3. Amigos (n=14)	1,25	,21	,72 **	,50	,81 *	,10	,37	,87	1	-
4. Vizinhos (n=7)	1,28	,17	,87 *	,71	-,63	,46	,95 *	,	,37	1
5. Instituições (n=5)	1,45	,33	,80	-,20	-,50	-,63	-1,00	,	1,00 **	,

\*  $p \leq 0,05$

\*\*  $p \leq 0,01$

O apoio global não apresenta variações estatisticamente significativas com as variáveis sócio-demográficas, tamanho da rede, composição, densidade, dispersão e frequência de contactos.

As correlações mostram que o apoio global está positiva e significativamente relacionado com o apoio da família e dos diversos subsistemas geracionais, com exceção de G1. O apoio formal das instituições e seus profissionais não se correlacionam de forma significativa com o apoio global, mas o suporte informal (amigos e vizinhos) correlaciona-se de forma positiva e significativa (quadro 3).

Considerando os subsistemas geracionais observa-se que o apoio proveniente de G2 está correlacionado com aquele que advém de G3, e este último com o apoio de G4. Ou seja, parece existir uma hierarquia intergeracional para o apoio familiar, em que o apoio das gerações mais novas (por exemplo, G4) apenas existe quando as gerações intermédias (por exemplo, G2 e G3) também estão presentes e facultam apoio (quadro 3).

### Conteúdos

As funções da rede centram-se em apoio emocional, companhia social e apoio instrumental (quadro 4).

As funções menos desempenhadas pela rede são a regulação social e o apoio financeiro. A companhia social apresenta uma correlação significativa e positiva com o apoio emocional e a regulação social.

**Quadro 4. Funções/conteúdos (médias e correlações)**

	Média	Min	Max	DP	1	2	3	4	5	6	7
1. Emocional	1,92	1,17	3,00	,53	1	-	-	-	-	-	-
2. Financeiro	1,13	1,00	1,86	,25	,40	1	-	-	-	-	-
3. Instrumental	1,49	1,00	3,00	,47	,24	-,08	1	-	-	-	-
4. Técnico	1,04	1,00	1,22	,07	,04	-,13	-,02	1	-	-	-
5. Aconselhamento	1,36	1,00	1,89	,30	,34	,37	-,03	,31	1	-	-
6. Novos contactos	1,18	1,00	3,00	,43	,20	,19	-,03	-,19	-,38	1	-
7. Companhia social	1,59	1,00	3,00	,50	,56 **	,04	,30	-,12	-,02	,29	1
8. Regulação social	1,18	1,00	3,00	,44	,14	-,24	,09	-,15	-,21	,31	,48 *

\*  $p \leq 0,05$

\*\*  $p \leq 0,01$

Os resultados do quadro 5 mostram que os diversos quadrantes e subsistemas geracionais providenciam à pessoa focal apoios diferentes. Os vizinhos são o quadrante que providencia mais apoio emocional, mas quase nenhum apoio instrumental.

O apoio instrumental é principalmente assumido pela família (em particular G2) e pelo quadrante institucional. G2 apresenta as médias superiores em apoio financeiro, aconselhamento e companhia social. G4 apresenta a média superior para acesso a novos contactos. G4, G2 e o quadrante das instituições apresentam as médias mais elevadas em regulação social.



**Quadro 5. Funções/conteúdos desempenhados pela rede, por quadrante e geração**

	Tipos de apoio															
	Emocional		Financeiro		Instrumental		Técnico		Aconselhamento		Novos contactos		Companhia		Regulação social	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Família	1,95	,53	1,15	,29	1,47	,49	1,01	,05	1,43	,42	1,20	,44	1,52	,55	1,20	,45
G1	1,67	,65	1,10	,24	1,19	,44	1,00	,00	1,38	,64	1,02	,08	1,42	,80	1,00	,00
G2	2,08	,66	1,21	,38	1,63	,61	1,02	,06	1,61	,56	1,28	,49	1,69	,70	1,24	,48
G3	1,74	,72	1,00	,00	1,22	,36	1,00	,00	1,11	,29	1,20	,56	1,31	,44	1,11	,24
G4	1,60	,89	1,00	,00	1,00	,00	1,00	,00	1,00	,00	1,40	,89	1,60	,55	1,20	,45
Amigos	1,61	,69	1,08	,28	1,44	,61	1,04	,09	1,14	,29	1,00	,00	1,65	,81	1,00	,00
Vizinhos	2,24	,79	1,10	,25	1,05	,12	1,00	,00	1,24	,42	1,00	,00	1,64	,85	1,00	,00
Instituições	1,33	,47	1,00	,00	1,83	1,00	2,08	1,07	1,33	,47	1,25	,50	1,50	,58	1,25	,50

### **Reciprocidade**

O nível global de reciprocidade é alto ( $M=2,02$ ;  $DP=,53$ ), atingindo o valor mais elevado no quadrante dos vizinhos ( $M=2,17$ ;  $DP=,36$ ). A estes segue-se a família ( $M=2,12$ ;  $DP=,61$ ), os amigos ( $M=1,70$ ;  $DP=,66$ ) e, por último, as instituições ( $M=1,17$ ;  $DP=,34$ ). Em geral, as variáveis sócio-demográficas não influenciam a reciprocidade. Mas o local de residência afeta a reciprocidade: os participantes que vivem em zonas rurais ( $M=2,21$ ;  $DP=,52$ ) são significativamente mais recíprocos do que os que vivem em zonas urbanas ( $M=1,81$ ;  $DP=,49$ ) ( $U=34,00$ ;  $p=,08$ ). A reciprocidade global correlaciona-se de forma negativa e significativa com a frequência de contactos global ( $r=-,58$ ;  $p<,01$ ), com a família ( $r=-,48$ ;  $p<,05$ ) e com G2 ( $r=-,4$ ;  $p<,05$ ).

### **Conflito e intimidade**

O conflito está praticamente ausente das redes sociais ( $M=1,31$ ;  $DP=,50$ ). Mesmo assim algumas tendências merecem atenção: a média mais elevada de conflito ocorre na família ( $M=1,34$ ;  $SD=,51$ ), seguida pelos vizinhos ( $M=1,28$ ;  $SD=,49$ ) e amigos ( $M=1,15$ ;  $SD=,55$ ). Considerando os subsistemas geracionais, a média superior

ocorre em G1 ( $M=1,50$ ;  $SD=,81$ ), seguindo-se G2 ( $M=1,36$ ;  $SD=,54$ ), G3 ( $M=1,25$ ;  $SD=,43$ ) e G4 ( $M=1,20$ ;  $SD=,45$ ).

Quanto à intimidade verifica-se que é mais elevada na família, especialmente com G3 ( $M=3,95$ ;  $DP=1,01$ ), seguindo-se G2 ( $M=3,90$ ;  $SD=,78$ ), G1 ( $M=3,64$ ;  $SD=1,25$ ) e G4 ( $M=3,20$ ;  $SD=1,48$ ). Os valores de intimidade com os amigos ( $M=3,36$ ;  $SD=,70$ ) são superiores a G4.

### ***Durabilidade (estabilidade)***

O subsistema G1 menciona membros da rede com quem mantém laços de muitos anos, sendo que a média da amostra em termos de durabilidade das relações é de 45 anos ( $DP=9,52$ ). Esta variável pode ser vista como indicador de estabilidade da rede, sendo que as redes de G1 tendem a ser bastante estáveis. A maior durabilidade ocorre no quadrante da família ( $M=48,40$ ;  $DP=9,7$ ). A durabilidade com o quadrante dos amigos é um pouco mais reduzida ( $M=42,88$ ;  $SD=24,15$ ), mas apresenta uma variabilidade elevada (desde amizades que se iniciaram há 4 anos até amizades com 80 anos). O valor mais baixo ocorre com no quadrante institucional ( $M=11,53$ ;  $SD=10,32$ ). A durabilidade não apresenta variações significativas com as variáveis sócio-demográficas. Mas verifica-se que a durabilidade se correlaciona de forma significativa e positiva com o peso médio de G2 ( $r=,67$ ;  $p<,01$ ); e negativa com o tamanho de G3 ( $r=-,59$ ;  $p<,01$ ), o peso médio de G3 ( $r=-,51$ ;  $p<,05$ ), o tamanho de G4 ( $r=-,45$ ;  $p<,05$ ), o peso médio de G4 ( $r=,42$ ;  $p<,05$ ), a frequência de contactos com a família ( $r=-,47$ ;  $p<,05$ ) e a frequência de contactos com G1 ( $r=,62$ ;  $p<,05$ ).

## **Discussão**

### ***Especificidades das redes sociais das pessoas idosas-idosas***

A literatura tem sido consistente em mostrar a progressiva redução do tamanho das redes sociais com a idade. Contudo, tal não é explícito nos nossos dados; algumas explicações incluem: i) são pessoas idosas de famílias com elementos vivos de 4

gerações, o que pode ampliar a rede potencial de relações; ii) incluíram na rede elementos significativos, mas que não desempenham qualquer função na rede, justificando os baixos níveis de apoio global encontrados. Sublinhe-se que este estudo foca os laços percebidos e identificados pelos participantes como “significativos” (redes sociais pessoais), não incidindo nas “redes de suporte” (todas as pessoas que apoiam a pessoa focal) nem nas “redes sociais globais” (todos os laços da pessoa focal), das quais a rede social pessoal pode diferir.

Este último aspeto indica que os respondentes sentem que nas suas redes sociais pessoais há algo mais do que simplesmente a disponibilização de apoio. Parece que os seus nichos interpessoais são escolhidos por uma multiplicidade de razões: laços familiares próximos (e.g. “ela é minha filha”); desajustabilidade social (e.g. “se disse o meu filho também tenho de dizer a minha nora”); relações passadas significativas (e.g. “foi um grande amigo, mas agora já estamos menos em contacto”); apoio (e.g. “ela ajuda-me muito”). Estes dados aparentam ecoar na teoria da gerotranscendência (Tornstam, 1997, 1999), que associa ao envelhecimento uma experiência de transformação de uma perspectiva mais materialista e pragmática para outra mais cósmica e transcendente.

As redes sociais nas pessoas idosas-idosas centram-se na família, estrutural e funcionalmente, o que se traduz em redes pequenas/médias, densas e homogéneas. Os amigos associam-se a redes maiores, menos densas e mais heterogéneas; i.e. constituem o fator positivo de destabilização das redes mais comum. As relações com amigos e vizinhos fortalecem o apoio global da rede. Também são de assinalar as diferenças nas redes consoante o local de residência: pessoas idosas de meios rurais tendem a apresentar maior frequência de contactos e maior reciprocidade do que os seus congéneres urbanos. Estas diferenças deverão ser exploradas em estudos subsequentes, nomeadamente ao nível das consequências que terão em termos de satisfação individual, qualidade de vida e funcionalidade da rede.

### ***Redes sociais e subsistemas geracionais***

As redes sociais neste estudo centram-se nas relações familiares, mas com diferenças intergeracionais. As redes dos respondentes apresentam uma forte presença (em número e apoio) de G2, que podemos associar ao tipo “rede familiar intensiva”;

enquanto os laços com G1, G3 e G4 podem ser associadas aos tipos “rede de parentela” ou “rede de laços difusos” (Litwin & Landau, 2000). O apoio da rede relaciona-se fortemente com o apoio de G2, sendo que este subsistema apresenta os valores mais elevados para frequência de contactos, apoio financeiro, aconselhamento e companhia social. Mas as redes com pesos superiores de G2 tendem a ser mais pequenas, estáveis e menos heterogêneas. Elementos de G3 emergem em cerca de metade dos participantes, o que tende a tornar as redes menos homogêneas. A presença menos notada de G1 e G4 associa-se principalmente a baixo peso na rede e baixa frequência de contactos. Note-se que todos os respondentes tinham pelo menos um bisneto e apenas 22% colocou bisnetos na sua rede social pessoal. A tendência para a baixa ligação entre G1 e G4 (bisavós e bisnetos) é consistente com a literatura, nomeadamente com a maior frequência de contactos com a família alargada entre pessoas solteiras ou mulheres sem filhos (Stone & Rosenthal, 1996).

Os dados apontam para uma especialização dos subsistemas geracionais quanto à disponibilização de apoio. G2 destaca-se em diferentes tipos de apoio e G4 salienta-se em termos de acesso a novos contactos. E se notarmos que o apoio global de G4 se correlaciona com o apoio de G3, e o de G3 se relaciona com o de G2, então parece que o acesso a novos contactos é influenciado pela manutenção de uma dinâmica intergeracional que envolve a mobilização de todas as gerações.

### ***Implicações para a intervenção em rede***

Os dados indicam que a família, quando presente, providencia grande parte do apoio contido na rede; mas também mostram que as diferentes gerações apoiam de diferentes formas, e que amigos e vizinhos são funcionalmente ativos. Litwin (1995) recomenda que o interventor em rede deve evitar a entrada prematura em redes que funcionam; contudo, é relevante que auxilie na coordenação de apoios formais e ajude as redes informais a maximizar o seu apoio potencial, considerando necessidades e prioridades. É preciso perceber que as redes sociais evoluem ao longo do ciclo vital individual e, por isso, é relativamente inglório o esforço que um profissional fará ao tentar assemelhar a rede de uma pessoa idosa-idosa à rede de uma pessoa não idosa.

Os baixos níveis de conflito verificados constituem outro aspeto que merece uma reflexão atenta. Estes podem traduzir o resultado da experiência de integridade familiar (King & Wynne, 2004), em que o indivíduo se sente em paz e satisfeito com as relações na família multigeracional; mas como esta tendência se verifica em todos os quadrantes, pode sugerir uma tendência global do funcionamento individual, não restringido à esfera familiar, que poderá estar associado a uma experiência de integridade individual ou, por outro lado, a uma (de)negação de problemas relacionais.

Os resultados também detêm implicações ao nível da implementação de programas intergeracionais. Nestas estratégias, é importante considerar o padrão hierárquico de apoio familiar e social supracitado: para ligar G1 a G4 é preciso que garantir que essas gerações estão ligadas a G2 e G3. As gerações intermédias parecem efetivamente assumir o papel de *pivots*, reconhecido por outros autores (Attias-Donfut & Rozenkier, 1996; Rossi & Rossi, 1990), constituindo os primeiros reguladores da rede alargada de trocas. Nesse sentido, eventos nas gerações intermédias, como por exemplo, divórcios e (re)casamentos, podem conferir diversas alterações nas relações entre as gerações mais idosas e as mais novas (Pruchno, 1995), cujo impacto nas redes sociais e na qualidade de vida de ambas importa considerar e estudar.

### **Conclusões**

Este estudo contribui para um melhor conhecimento das redes sociais de pessoas idosas-idosas, membros de famílias com quatro gerações vivas. Assim, constitui um contributo para a gerontologia e para a psicologia da família, facultando um conhecimento preliminar das relações intergeracionais em sistemas familiares multigeracionais, que deverá ser complementado subseqüentemente por estudos com amostras maiores.

## Referências

- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44: 353-76.
- Attias-Donfut, C. & Rozenkier, A. (1996). The lineage-structured social networks of older people in France. In: Litwin, H. (Ed.). *The social networks of older people: A cross-national analysis*: 31-53. Westport, Connecticut: Praeger.
- Bengtson, V.L. & Martin, P. (2001). Families and intergenerational relationships in aging societies: comparing the United States with German-speaking countries. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 34(3): 207-17.
- Bengtson, V.L., Lowenstein, A., Putney, N.M. & Gans, D. (2003). Global aging and the challenge to families. In V. L. Bengtson & A. Lowenstein. (Eds.). *Global aging and challenges to families*: 1-24. New York: Aldine de Gruyter.
- Botcheva, L.B. & Feldman, S.S. (2004). Grandparents as family stabilizers during economic hardship in Bulgaria. *International Journal of Psychology*, 39(3): 157-68.
- Doka, K.J. & Metz, M.E. (1988). The meaning and significance of great-grandparenthood. *The Gerontologist*, 28(2): 192-97.
- Goodman, C.C. & Silverstein, M. (2001). Grandmothers who parent their grandchildren. *Journal of Family Issues*, 22(5): 557-78.
- King, D.A. & Wynne, L.C. (2004). The emergence of “family integrity” in later life. *Family Process*, 43(1): 7-21.
- Kivnick, H.Q. (1982). Grandparenthood: An overview of meaning and mental health. *The Gerontologist*, 22: 59-66.
- Kornhaber, A. & Woodward, K. (1981). *Grandparents/grandchildren, the vital connection*. New York: Anchor Press/Doubleday.
- Litwin, H. (1995). *Uprooted in old age: Soviet Jews and their social networks in Israel*. Westport, Connecticut: Greenwood Press.
- Litwin, H. (Ed.). (1996). *The social networks of older people: A cross-national analysis*. Westport, Connecticut: Praeger.
- Litwin, H. & Landau, R. (2000). Social network type and social support among the old-old. *Journal of Aging Studies*, 14(2): 213-28.
- Martin, P., Halverson, C., Wampler, K. & Hollett-Wright, N. (1991). Intergenerational differences in parenting styles and goals. *International Journal of Behavioral Development*, 14: 195-207.
- Melkas, T. & Jylhä M. (1996). Social network characteristics and social network types among elderly people in Finland. In: Litwin, H. (Ed.). *The social networks of older people: A cross-national analysis*: 99-116. Westport, Connecticut: Praeger.
- Mietkiewicz, M.-C. & Jolliot, C. (2004). Grands-parents, arrière et beaux grands-parents: les représentations de jeunes enfants. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 52: 330-6.

- Neugarten, B. & Weinstein, K. (1968). The changing American grandparent. In: Neugarten, B. (Ed.). *Middle age and aging*. London: University of Chicago Press.
- Poehlmann, J. (2003). An attachment perspective on grandparents raising their very young grandchildren: Implications for intervention and research. *Infant Mental Health Journal*, 24(2): 149-73.
- Pruchno, R. (1995). *Grandparents in American society: Review of recent literature*. Bethesda, MD: National Institute on Aging.
- Reese, C.G. & Murray, R.B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmothering. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4): 245-51.
- Richlin-Klonsky, J. & Bengtson, V.L. (1996). Pulling together, drifting apart: A longitudinal case study of a four-generation family. *Journal of Aging Studies*, 10(4): 255-79.
- Rossi, A.S. & Rossi, P.H. (1990). *Of human bonding: Parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Silverstein, M. & Bengtson, V.L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in American families. *American Journal of Sociology*, 103(2): 429-60.
- Sluzki, C.E. (1996). *La red social: frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Sluzki, C.E. (2000). Social network and the elderly. *Family Process*, 39(3): 271-84.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multiproblem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19(2): 159-75.
- Stone, L. & Rosenthal, C. (1996). Profiles of the social networks of Canada's elderly: An analysis of 1990 General Social Survey Data. In: Litwin, H. (Ed.). *The social networks of older people: A cross-national analysis*. London: Praeger.
- Tornstam, L. (1997). Gerotranscendence in a broad cross-sectional perspective. *Journal of Aging and Identity*, 2: 17-36.
- Tornstam, L. (1999). Later-life transcendence: A new developmental perspective on aging. In: Thomas, L.E. & Eisenhandler, S.A. (Eds.). *Religion, belief and spirituality in late life*. New York: Springer.
- Van der Poel, M. (1993). Delineating personal support networks. *Social Networks*, 15(1): 49-70.
- Vicente, H.T. & Sousa, L. (2007). Famílias multigeracionais: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *Psychologica*, 46: 143-66.
- Wellman, B. (1996). Are personal communities local? A Dumptarian reconsideration. *Social Networks*, 18: 347-54.
- Wenger, G.C. (1991). A network typology: From theory to practice. *Journal of Aging Studies*, 5(2): 147-62.

**Henrique Testa Vicente** - PhD, Professor Auxiliar, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.

E-mail: henrique.t.vicente@gmail.com

**Liliana Sousa** – PhD, Professor Auxiliar, Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, UNIFAI (Unidade de Investigação e Formação de Adultos e Jovens).

E-mail: lilianax@ua.pt